

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## UM PATRIMÔNIO CULTURAL SEM CAPITAL HISTÓRICO: O CASO DE VARSÓVIA.

Jolanta Rekawek<sup>1</sup>

Este trabalho pretende contribuir ao debate sobre a ampliação do conceito do patrimônio cultural, contemplando como exemplo o caso da cidade de Varsóvia (capital da Polônia), destruída por Hitler após uma fracassada insurreição em 1944. O saber orgânico que religava a comunidade emocional dos moradores com as raízes, fez com que Varsóvia ressuscitasse das cinzas como uma cidade, porém com escasso capital histórico, relacionado tradicionalmente com os monumentos, museus, arquivos, etc. A capital cresceu num processo de hibridação alternando a polêmica restauração da face antiga, com a imposição ideológica do regime comunista de ser uma cidade do futuro. As memórias individuais e coletivas, corporificadas espontaneamente no espectro da cidade exterminada, evocaram Varsóvia como *locus de memória* articulando-a num patrimônio cultural único no mundo onde a vontade de lembrar eclipsou o esquecimento e a precariedade do capital histórico.

Palavras chave: patrimônio cultural, memória, Varsóvia

*Não vivemos só nos prédios mas também na memória, tradição, história, cultura. E em Varsóvia isto é mais importante que em qualquer outro lugar do mundo. Às vezes, fica difícil de entender que esta cidade exista.*

Maria BARANOWSKA.  
“Varsóvia. Meses, anos, séculos”.

Falar do patrimônio implica contemplar os bens acumulados pelos sujeitos ou pelos grupos sociais nos quais eles vivem, convivem e interagem. Entre vários tipos de patrimônio, o conceito do patrimônio cultural experimenta uma profunda transformação que pretende desvincula-lo daquilo que se acostumava chamar de *capital histórico* consagrado pelo transcurso de tempo (quanto mais velho melhor) e atestado pelos instrumentos advindos do raciocínio científico da história. Monumentos, arquivos, museus, documentos, principalmente escritos, etc. foram considerados como provas irrefutáveis para a matriz cultural e filosófica europeia, no processo do conhecimento histórico que pretendia elucidar o passado. Neste sentido, lembro do meu profundo

---

<sup>1</sup> Jolanta Rekawek é a professora adjunta no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia, Brasil), coordenadora de Núcleo de Estudos da Espetacularidade, docente no Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da UEFS. E-mail: [yolandaion@hotmail.com](mailto:yolandaion@hotmail.com)

constrangimento que experimentava nos anos 80 do século passado, quando levava amigos estrangeiros a conhecer o Centro Histórico da minha cidade natal: Varsóvia. Com apenas 30 anos de vida aquele conjunto arquitetônico dificilmente podia competir com o patrimônio cultural de Paris, Atenas ou Roma. O conceito do patrimônio que eu situava dentro de uma hierarquia tradicional dos capitais culturais, me fazia dissimular de qualquer jeito a vergonha de ter nascido num lugar “sem capital histórico” onde as formas de organizar e simbolizar a vida social foram massacradas e, por tanto, careciam da legitimidade.

Cabe explicar que Varsóvia foi constituída definitivamente como cidade no século XIV e escolhida como a capital da Polônia em 1596. No século XX se deparou com as barbaridades da Segunda Guerra Mundial (1939-45), desencadeada por Hitler, que após uma insurreição heróica e fracassada dos moradores em 1944<sup>2</sup>, puniu severamente a cidade dando ordem para exterminá-la. Bombardeada, detonada com a dinamita ou queimada com incêndios provocados pelas tropas alemãs, a capital da Polónia ficou destruída em quase 80%.

Para ilustrar a dimensão do extermínio podemos mencionar os dados aportados pelo historiador e jornalista, Jaroslaw Zielinski.<sup>3</sup> Entre as principais perdas na infraestrutura da cidade constam as pontes que uniam dois lados do rio Vístula que atravessa Varsóvia, e que foram destruídas totalmente. Cabe contabilizar também a destruição de: 90% da indústria e dos prédios do sistema de saúde e das construções que constavam no registro dos monumentos, 95 % dos teatros e cinemas, 85% da rede de transporte público de bondes, 70% dos prédios relacionados com o ensino. Devemos acrescentar também neste balance a morte de 60% das árvores, a destruição de 50% da força elétrica, a destruição de 30% do sistema de distribuição de água e esgoto. As construções habitacionais do centro da cidade foram destruídas em 88% e entulho acumulado chegava até o segundo andar.

Em quanto às perdas referidas à população de Varsóvia se calcula que em janeiro de 1945 era oito vezes menor do que antes do início da guerra e que 50% dos habitantes permanentes morreram ou se dispersaram pelo mundo. Zielinski comenta que

---

<sup>2</sup> Os participantes da Insurreição de Varsóvia, que durou 63 dias entre agosto e outubro de 1944, na sua maioria eram jovens revoltados com a opressão nazista, que pertenciam ao clandestino, anti-hitleriano e anti-soviético Exército do País, comandado pelo governo polonês emigrado em Londres.

<sup>3</sup> Agradecemos Jaroslaw Zielinski por ter-nos facilitado o seu ensaio inédito “Rozwój przestrzenny, architektura i budownictwo Warszawy w latach 1945-1970” (Desenvolvimento espacial, arquitetura e construção de Varsóvia nos anos 1945-1970), incluído no livro *Korzenie Miasta (Raízes da Cidade)* cuja publicação está prevista para o ano 2009 pela editora Weda. Todas as traduções da língua polonesa são nossas.

hoje é praticamente impossível avaliar quantos dos habitantes atuais são descendentes dos antigos moradores de Varsóvia... (ZIELINSKI, 2009, p. 1)

A todos estes dados estatísticos cabe acrescentar as perdas que dificilmente podem ser calculadas com um parâmetro de medida: a exterminação da jovem *intelligentsia* da cidade, a destruição dos bens particulares como coleções, móveis, acervos transmitidos de geração em geração, a dispersão das memórias individuais e coletivas, dos costumes, formas de vida, comportamentos sociais, etc.

Naquele cenário de desastre era difícil de imaginar que Varsóvia ia continuar sendo a capital do país e o governo inclusive contemplou a possibilidade de transferi-la para outra cidade.<sup>4</sup> No entanto, a população manifestava uma vontade irredutível que guiava seus impulsos, a razão e as emoções para improvisar toda uma vida num lugar que parecia morto.

Nos primeiros dias qualquer um quando chegava à capital ia para a sua casa, depois procurava pela casa dos seus seres próximos, às vezes... pelos túmulos. Aquelas andanças pela cidade era um sofrimento constante. (...) Andar de noite era praticamente impossível. Inclusive durante o dia, p. ex. nem todo mundo podia atravessar a Praça de Napoleão. Lá tinha buracos e montanhas enormes. E em todas as ruas - túmulos com nome ou sem nome. E em toda parte mulheres meio enlouquecidas, correndo o dia inteiro em busca das pegadas dos seus próximos. O fedor na cidade era insuportável. Tinha gente que dizia que não dava para reconstruir a cidade, que a Varsóvia deixou de existir. Porém o governo resolveu que ela ia ser a capital. E aquelas teimosas multidões de moradores que voltavam para a sua cidade acreditando que ela vai se levantar das ruínas... (DALBOROWA, 1985, p. 59).

Efetivamente, a afluência das pessoas, entre antigos moradores e novos aventureiros que se instalavam nas ruínas de Varsóvia, crescia de uma maneira impressionante nos primeiros meses após a guerra: em janeiro de 1945 a cidade contava com 162 mil habitantes, em fevereiro com 174 mil, em abril com 318 mil, em maio com 366 mil.<sup>5</sup> (Zielinski, 2009, p. 3)

Só a décima parte dos moradores tinha uma cama para dormir em dezembro de 1945, como informava o correspondente de *Chicago Sun*. (BRANT, 1985, p. 94). Mesmo assim os antigos proprietários dos prédios colocavam as placas demarcando o entulho como propriedade privada, outros instalavam nas ruínas lanchonetes, salões de beleza, oficinas de costura, etc. As crianças voltavam a brincar nas ruas.

(...) Era difícil morar na sucata da capital massacrada. Mais justamente naquele momento nasceu em nós uma raivosa teimosia e empenho. Repetíamos para nos mesmos: como é que é? E vou abandonar a minha mãe na desgraça? Morávamos de forma primitiva como trogloditas, nos asfixiávamos com a poeira, tínhamos que atravessar a lama. Mesmo assim não estávamos dispostos a abandonar Varsóvia. Todo mundo se apegava a ela com unhas e dentes. (...)

---

<sup>4</sup> Lódz, a cidade situada no centro da Polónia.

<sup>5</sup> Hoje Varsóvia tem 1 milhão 700 mil habitantes.

Continuo sem gostar de Varsóvia. Mais eu a amo. Não é charmosa como Roma, majestosa como Paris, rica como Bruxelas. As pessoas voltam a fazer malandragem, fofoca, e sacanagem uns com outros. Mesmo assim – sei que si for necessário Varsóvia voltaria a ser um baluarte de luta. Paciência: o encanto desta cidade é assim: que vive de uma maneira feia, mais morre de uma forma belíssima. Pode não ser suficiente para alguém. Mais se eu a amo é por isso mesmo. (DOBRACZYNSKI, 1985, p. 187)

A espontânea colaboração dos moradores foi fundamental no primeiro ano da recuperação de Varsóvia em todas as suas funções como cidade e capital do país. Até o final de 1945, foram reformados: 171 000 m<sup>2</sup> das estradas, 117 000 m<sup>2</sup> de calçadas. O governo patrocinou a reconstrução de 6,5 mln m<sup>3</sup> dos edifícios. Foram eliminados 835 mil m<sup>3</sup> de entulho. Foram inaugurados 11 hospitais, 31 escolas, 7 igrejas e passaram a funcionar 7 instituições de ensino superior. Em janeiro de 1946, se re-inaugurava o Teatro Polonês. (ZIELINSKI, 2009, pp. 3-4)

Após o primeiro ano da fase espontânea de re-habilitação da cidade, começou em 1946 a fase planejada da reconstrução, na qual a questão do patrimônio cultural se transformou numa questão política. Como lembra Prof. Jan Zachwatowicz, historiador de arte e principal responsável pela preservação e recuperação do patrimônio cultural da cidade de Varsóvia,<sup>6</sup> o lema dos nazistas era o seguinte: “Uma nação vive em quanto vivem as obras da sua cultura”. Neste sentido os alemães não economizaram esforços para proceder ao extermínio do capital monumental de Varsóvia queimando as edificações e posteriormente explodindo-as com a dinamita. Dos 957 objetos incluídos no registro dos monumentos em 1939: 782 foram destruídos totalmente, 141 foram gravemente danificados e 34 foram relativamente bem conservados.<sup>7</sup> (ZIELINSKI, 2009, p. 10).

Por sorte dispomos de bastante conhecimento sobre os nossos monumentos e de bastante quantidade de materiais imprescindíveis para devolver ao “tesoureiro” da nossa cultura aquilo que lhe foi roubado. E as obras que se levantarão das cinzas servirão às novas gerações para construir um futuro melhor. (ZACHWATOWICZ, 1985, p.42)

A perspectiva de reconstruir a cidade destruída pela barbárie nazista se impunha como uma questão primordial e mostrava como no tradicional embate entre a memória e a história (NORA, 1984, p. 1), ao não poder dispor dos vestígios do passado corporificados nos *lugares de memória* (museus, arquivos, parques temáticos,

---

<sup>6</sup> Prof. Jan Zachwatowicz salvou várias obras de arte e documentos históricos levando-os num charrete fora de Varsóvia, arriscando a sua própria vida. As medidas das casas antigas, realizadas pelos estudantes de arquitetura serviram, em parte, como modelos para fazer projetos de restauração de algumas casas do Centro Histórico.

<sup>7</sup> Cabe destacar que no extermínio dos monumentos em Varsóvia participaram os historiadores de arte alemães assessorando os militares na hora da destruição.

conjuntos arquitetônicas), a continuidade histórica de todo um grupo social se viu auxiliada pela memória. Neste contexto cabe lembrar a oposição fundamental entre a memória e a história apontada por Nora.

A memória é a vida, vivenciada por sociedades vivas, fundadas em seu nome. Ela permanece em perene evolução, aberta à dialética do lembrar e do esquecer, inconsciente a suas sucessivas deformações, vulnerável a manipulações e apropriações, suscetível a longos repousos e periódicos renascimentos. A história por outro lado, é a reconstrução, sempre problemática e incompleta, daquilo que não existe mais. A memória é um fenômeno perpetuamente atual, uma unidade que nos prende ao eterno presente: a história é a representação do passado. (NORA, 1984, p. 19)

Neste sentido podemos interpretar o conhecimento mencionado antes pelo Prof. Zachwatowicz, não só como o conjunto de informações e objetos que poderiam reconstruir o passado de Varsóvia, mais também um conjunto de *memórias coletivas e individuais* (HALBWACHS, 1990) que emergiam como um *saber orgânico* que religava as pessoas as raízes criando uma atitude de *re-encantamento* (MAFFESOLI, 2009) com o lugar e projetando ações no futuro. Esta memória móbil e prospectiva foi articulada como uma prática social espontânea num lugar com escassos vestígios do passado. Por tanto, podemos considerar que Varsóvia é um particular caso de *ambiente de memória*, tal como o entende Nora, ou seja, *contexto real de memória*, que foi capaz de preservar o sentido da continuidade histórica, função tradicionalmente atribuída aos *lugares de memória* (lugares onde a memória é corporificada deliberadamente). (NORA, 1984, p. 1)

O fato de a memória ter auxiliado a história num momento do colapso, nos serve como um argumento no debate sobre a re-conceitualização do patrimônio cultural e ajuda também a desmitificar Varsóvia como uma cidade reconstruída pedra por pedra. Até hoje é bastante comum ler a propaganda das agências de viagens que apresentam a capital da Polônia repleta de monumentos e edificações reconstruídas exatamente na sua versão antiga. Nada mais falso. Em realidade, a face atual de Varsóvia lembra muito pouco a antiga e na polêmica sobre a arquitetura e urbanismo da cidade após a guerra, os historiadores, como Jaroslaw Zielinski, preferem usar o termo de *transformação* e não *reconstrução*. Os principais inimigos da “reconstrução” de Varsóvia como uma cidade tradicional, com a forma do século XIX, foram os membros da elite doutrinária do novo regime comunista, vinculada aos principais grupos de vanguarda antes da II Guerra Mundial. Este grupo de intelectuais e administradores elitistas era nascido em Varsóvia e sonhava com a destruição dos vestígios da antiga capital para criar uma Varsóvia nova e utópica. (ZIELINSKI, 2009, p. 8)

Pesaram também no processo da polêmica reconstrução da cidade a dispersão ou morte dos proprietários antigos e, sobre tudo, questões políticas e econômicas que derivaram em pressa, erros e libertinagem dos restauradores sem compromisso de restituir o estado arquitetônico de antes. Isto se deu, por exemplo, no caso do Centro Histórico, abraçado rapidamente pelas autoridades como o carro chefe da política da *reconstrução-transformação*. O antigo bairro judeu, o Centro Histórico, incluído atualmente na lista dos monumentos do Patrimônio da Humanidade da UNESCO, permanece hoje como uma enclave arquitetônica isolada do resto da cidade, e significa uma concessão do regime comunista em função de recuperar escassamente o passado histórico de Varsóvia (tradicionalmente anti-russo e anti-soviético). Cabe explicar que a falta de interesse das autoridades por manter a fidelidade arquitetônica ao estado de antes da guerra, tinha sua explicação ideológica: a recuperação da face antiga seria uma referência ao passado da Polônia como um país soberano, indesejável num momento histórico quando o nosso país devia ser contemplado apenas como satélite da União Soviética.

A recuperação de uma parte de conjuntos, ruas e monumentos demarcados dentro da área de preservação arquitetônica (recortada progressivamente), se alternou com a política de esquecimento, ou seja, a visão do futuro de Varsóvia como um espaço no qual se consolidava a burocracia do novo regime incentivando o crescimento da classe operária. Nesta política se enquadrou perfeitamente o presente de Stalin, o monumental Palácio da Cultura, elevado nos anos 50 do século passado no centro de Varsóvia. Com 42 andares, 230,68 m de altura, 254 m de largura (maior que a altura), a construção do prédio implicou abolir o plano de reconstrução do bairro tradicionalmente povoado pelos comerciantes, e o deslocamento de 4000 mil moradores do Centro. Planejado como um sólido *lugar de memória*, no qual se corporificariam os vestígios do novo momento histórico da Polônia (p. ex. sendo a sede dos congressos do partido comunista), o Palácio da Cultura se transformou ao longo dos anos, num espaço que abrigou os teatros, cinemas, estabelecimentos esportivos, oficinas de artes, shows, eventos, etc. Avistado desde todos os lados da cidade e odiado pela população por representar um estigma da opressão stalinista, a edificação experimentou um processo de hibridação entre a *memória enquadrada* (POLLACK, 1989, p. 7) que encarnava e as múltiplas funções da referência para vida social que ia desempenhando. Devido à sua face híbrida, forçada pela política do esquecimento, por um lado, e, por outro, incentivada pela necessidade de mediação e não apenas a opressão com a sociedade, o

Palácio da Cultura sobreviveu a uma polêmica que surgiu após a caída do regime comunista nos anos 90 do século passado e que postulava inclusive a sua eliminação. Podemos considerar que na sua preservação prevaleceu o fato de o prédio ter virado inesperadamente um patrimônio cultural no sentido em que, com toda a sua musculatura arquitetônica, se transformou no maior museu da época do realismo socialista no mundo manifestando ao mesmo tempo a sua poderosa capacidade de metamorfose. E justamente por isso poderia ser considerado como um *lugar de memória*.

Os lugares de que falamos, portanto, são mistos, híbridos, mutantes, unidos intimamente à morte e à vida, ao tempo e à eternidade; emaranhados no coletivo e no individual, no sagrado e no profano, no imutável e no móvel. Pois se aceitamos que o maior propósito do lugar de memória é parar o tempo, bloquear o ato de esquecer, estabelecer um estado de coisas, imortalizar a morte, (...) deve ficar claro também que os lugares de memória apenas existem por causa de sua capacidade de metamorfose, de uma reciclagem incessante de seu significado e de uma imprevisível proliferação de suas ramificações. (NORA, 1984, p. 29)

Outro exemplo interessante de um lugar de memória híbrido é o Museu da Insurreição de Varsóvia<sup>8</sup>, inaugurado em 2004, que corporifica a memória sobre aquele fato histórico de uma forma espetacularmente mediática revigorando a essência de lembrar a través de meios audiovisuais, interação com o público e organização espacial surpreendente<sup>9</sup>. O Museu não só está destinado a desempenhar uma função de celebrar a memória retrospectiva mais também pretende mobilizar a sociedade de uma maneira prospectiva organizando painéis, shows e eventos de várias ordens dedicados a cultivar os valores de liberdade e solidariedade entre os povos.

Neste contexto cabe nos remitir à *encruzilhada* que é um termo muito pertinente para tratar da cultura negra. “Na conceição filosófica de muitas culturas africanas, assim como nas religiões afro-brasileiras, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimentos diversos (...)”. (MARTINS, 2003, p. 70) Entendida como “um lugar de confluências e alterações”, “fusões e rupturas” (Ibidem, p. 70) a *encruzilhada* poderia se aplicar ao processo da memória, refletindo a sua dinâmica condicionada pelo esquecimento. Neste contexto gostaríamos de destacar a exposição *Cidade Fênix*, organizada em 2008, como um dos eventos comemorativos dos 64 anos da Insurreição de Varsóvia. Numa série de banners com fotomontagens expostos ao ar livre no Centro Histórico da cidade, os autores cruzaram as imagens dos mesmos lugares no presente com aquelas tomadas durante a Insurreição. Este

---

<sup>8</sup> A mesma que provocou a decisão de Hitler de destruir a cidade.

<sup>9</sup> Está situado numa antiga fábrica de força elétrica para bondes.

experimento fotográfico deu resultados surpreendentes e insuspeitados captando sutilmente a mobilidade da memória, o seu caráter de ser o ponto de interseções.

Com o exemplo da cidade de Varsóvia pretendemos apontar a possibilidade de acumular um patrimônio cultural sem um sólido aporte do capital histórico. Entendemos, após Canclini, que o patrimônio cultural deve ser ampliado como conceito e incluir os bens culturais visíveis e invisíveis, conhecimentos de várias ordens, igualando os produtos das classes subalternas e das hegemônicas, e também implicando uma política de conservação e administração que contempla a necessidade das maiorias. (CANCLINI, 1994, pp. 95-96). Neste sentido o maior capital cultural da população de Varsóvia seria o conjunto de memórias coletivas e individuais e a capacidade de mediação e metamorfose. A cidade ressuscitou não apenas através de um decreto político mais sobre tudo devido à determinação dos seus moradores, de um *corpus* cultural no qual está implicado singularmente o *corpo como lugar de memória*. (MARTINS, 2003, p. 82).

No caso dos antigos moradores de Varsóvia podemos observar um curioso processo de desterritorialização que se deu num sentido duplo: não apenas geográfico mais também simbólico. Por um lado, aquele grupo social foi expulso do seu lugar de origem pelo regime totalitário nazista, com o agravante de que o seu *locus* onde se corporificava o conjunto das suas identificações foi exterminado. Os africanos levados à força pelo Atlântico tinham pelo menos a terra real – a África, como referência; em quanto os moradores de Varsóvia só disponham da referência orgânica na sua memória.

A dupla desterritorialização se daria porque, por outro lado, o regime comunista mesmo reerguendo a capital, impôs à população uma *memória enquadrada* (POLLACK, 1989, p. 7) expulsando-a do seu território simbólico e causando o processo de silenciar as suas múltiplas identidades indesejáveis. Num novo contexto político e social a partir de 1945, os moradores de Varsóvia condenados a ocultar a parte de suas memórias num circuito subterrâneo, experimentaram naturalmente uma espécie de mestiçagem com os moradores afluentes, freqüentemente aderidos ao regime comunista. Neste processo o *corpo lembrante* dos primeiros foi capaz de não apenas resistir mais também de instaurar um patrimônio cultural híbrido originado pela re-combinação de vários tipos de memória: individual, emprestada, coletiva (HALBWACHS, 1990), involuntária, como a entende Proust (VARGAS, 1991, p. 81), enquadrada e subterrânea (POLLACK, 1989, PP. 3-7), que interagiram com a confabulação, o silêncio e o esquecimento num processo dinâmico e prospectivo acionado pela lembrança.

O fenômeno de Varsóvia consiste na incrível força das memórias da população deslocada no sentido duplo, e que apesar desta perda atroz se empenhou em reconhecer, evocar e articular a cidade como seu *ambiente* e ao mesmo tempo *lugar de memória*, onde poderia mediar as suas identidades num contexto político e social adverso.

No caso de Varsóvia podemos falar de um patrimônio cultural não condicionado pela dosagem dos parâmetros de valor histórico, tradicionalmente hierarquizados e relacionados, na matriz cultural européia, com a letra como o signo de transmissão de saber. Contemplada assim como referência de um patrimônio cultural com escasso capital histórico, Varsóvia se manifesta na contemporaneidade como uma forma híbrida re-fundada pela memória social (FENTRESS, WHIKHAM, 1992), um patrimônio cultural alimentado por várias fontes como, por exemplo, a forte imigração. Hoje visitada por milhares de turistas que se desviam da rota tradicional de Paris - Praga, a cidade se mostra generosa com seus espaços verdes e vias urbanas visionárias. Rejuvenescida pela afluência dos estudantes de vários países, beneficiados pelos programas de intercâmbio (p. ex. Erasmus), Varsóvia se não constitui um documento, significa pelo menos um argumento *sui generis* a favor da necessidade de reformular o conceito do patrimônio cultural entendido como “a visão mais complexa de como uma sociedade se apropria da sua história”. (CANCLINI, 1994, p.113)

## Referências

- BORECKA, Emilia, SEMPOLINSKI, Leonard (orgz.). *Warszawa 1945*. Państwowe Wydawnictwo Naukowe: Varsóvia, 1985.
- BRANT, Irving. “Polska leży w sercu świata”, 19.12.1945, nº 8, In: BORECKA, SEMPOLINSKI, 1985, p. 94.
- CANCLINI, Nestor Garcia. “O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional”. Traduzido por Maurício Santana Dias. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, [S.l.], n. 23, pp. 95-115, 1994.
- DALBOROWA, Romana. “Dziennik”. In: BORECKA, SEMPOLINSKI, 1985, p. 59.
- DOBACZYNSKI, Jan. “Dlaczego właśnie Warszawa. Ankieta”. *Kalendarz Warszawski*, 1948. In: BORECKA, SEMPOLINSKI, 1985, p. 187.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992
- HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MAFFESOLI, Michel. “A universidade re-encantada”. Aula inaugural na Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2 de março de 2009.

MARTINS, Leda. “Performances do tempo e da memória: os congados”. *Revista O Percevejo*. Departamento de Teoria do Teatro. Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2003, ano 11, nº 12, pp. 68-98.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: os lugares de memória*. Trad. Patrícia Farias. Traduzido do original francês publicado in: *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, vol 1 (La République), 1984, pp. 18-34.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

VARGAS, Marcelo Coutinho (trad.). “Proust, Marcel e a memória”. [Entrevista]. *Revista Espaço e Debate*, São Paulo, nº 33, 1991, pp. 80-81.

ZACHWATOWICZ, Jan. “Przeszłość w służbie nowego życia”, *Skarpa Warszawska*, 28.10.1945, nº 2 . In: BORECKA, SEMPOLINSKI, 1985, p. 42.

ZIELINSKI, Jaroslaw. “Rozwój przestrzenny, architektura i budownictwo Warszawy w latach 1945 – 1970”. In: *Korzenie miasta*. Editora Weda: Varsóvia, 2009.